

A POLÍTICA DO SENSÍVEL NO “CADERNO B” DO *JORNAL DO BRASIL*: O CASO DE “O MILAGRE DAS FOLHAS”, DE CLARICE LISPECTOR

COSTA, Fabrício Lemos da¹

RESUMO: O presente artigo propõe uma reflexão da crônica “O milagre das folhas”, de Clarice Lispector (1920-1977), publicada em 04 de janeiro de 1969 no *Jornal do Brasil*. Trata-se de uma escritura profundamente relacionada ao projeto artístico da autora, em que os vegetais são mola propulsora de pensamentos políticos mais amplos. Isto posto num período marcadamente engendrado por violências institucionalizadas – Ditadura Civil Militar no Brasil (1964-1985). Em nossa análise da crônica, destacaremos o viés temático arrolado naquilo que chamamos de resistência cifrada pela presença das folhas, as quais, por sua vez, convocam a observação sensorial do mundo inumano e a não alienação da vida. Para este estudo, recorreremos aos argumentos de Cixous (2022), Adorno (1998), Rago (2009), Buck-Morss (2012), Dalcastagnè (2020), Nascimento (2021), e outros.

PALAVRAS-CHAVE: “O milagre das folhas”; Clarice Lispector; Política Sensorial; Folhas.

THE POLITICS OF THE SENSIBLE IN THE NEWSPAPER SECTION "CADERNO B" OF THE *JORNAL DO BRASIL*: THE CASE OF "O MILAGRE DAS FOLHAS", BY CLARICE LISPECTOR

ABSTRACT: This article proposes a reflection on the chronicle "O milagre das folhas", by Clarice Lispector (1920-1977), published on January 04, 1969, in *Jornal do Brasil*. It is a writing deeply related to the author's artistic project, whose vegetables are the spring that propels wider political thoughts. This was set in a period strongly engendered by institutionalized violences - Brazil's Civil Military Dictatorship (1964-1985). In this analysis of the chronicle, we emphasize the thematic bias in what we call resistance encrypted by the presence of leaves, which conjure the sensorial observation of the inhuman world and the non-alienation from life. For this study, we draw on the arguments of Cixous

¹ Doutorando em Estudos Linguísticos e Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (PPGL/UFPA). E-mail: fabricio.lemos1987@yahoo.com.br

(2022), Adorno (1998), Rago (2009), Buck-Morss (2012), Dalcastagnè (2020), Nascimento (2021), and others.

KEYWORDS: “O milagre das folhas”; Clarice Lispector; Sensorial Policy; Leaves.

“Toda a força necessária para ir e amar uma folha se chama Clarice”
A Hora de Clarice Lispector, Hélène Cixous²

A crônica “O milagre das folhas”, de Clarice Lispector, foi publicada no *Jornal do Brasil*, “Caderno b”, em 04 de janeiro de 1969. Na presente edição, o texto dividiu a mesma coluna da autora com outros dois. Trata-se de “Condição humana” e “A vida silenciosa”, seguido do *corpus* aqui escolhido. Mais tarde, “O milagre das folhas” reapareceu no livro *A Descoberta do Mundo* (1984), organizado por Paulo Gurgel Valente. No que tange ao “encaminhamento” de “O milagre das folhas” do suporte físico jornal para o livro, vale apontar também que a crônica foi “aproveitada” no romance *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*³, inserindo-se tematicamente ao enredo. Na trajetória revelada por aprendizagens, a percepção da vida sensível pela personagem Lóri prefigura a clave do ensinamento estimulado pelo professor de filosofia chamado Ulisses, tendo nas folhas e outros tantos vegetais o caminho do crescimento subjetivo, feito em contágios com estes inumanos. Na narrativa, lê-se:

Para o mundo de perfumes, Lóri já acordara. Quando voltava da rua de noite, passava pela casa vizinha cheia de “dama-da-noite”, que lembrava o jasmim, só que mais forte. Ela aspirava o cheiro da dama da noite que era noturno. E o perfume parecia matá-la lentamente. Lutava contra, pois sentia que o perfume era mais forte do que ela, e que poderia de algum modo morrer dele. Agora é que ela notava tudo isso. Era uma iniciada no mundo.

Que lhe parecia um milagre. Se bem que não fosse dada a milagres, ela era daqueles que rolam pedras durante a vida toda, e não daqueles para os quais os seixos já vêm prontos, polidos e brancos. Se bem que tinha sempre visões fugitivas, verdadeiros quadros que se esvaneciam, antes de adormecer. Mas falara disso a Ulisses e ele lhe explicara que era um fenômeno muito

² CIXOUS, 2022, p. 55.

³ Da primeira edição (Editora Sabiá), consta-se o registro de impressão do livro no mês de abril de 1969. Não temos intenção de desenvolver aqui uma crítica genética. Interessa-nos tão somente as datas em que os textos tornaram-se públicos. Assim, recorreremos ao romance com o objetivo de melhor situar a crônica no projeto estético da autora pela aproximação dos assuntos comuns.

comum que se chamava eidetismo, e que era a capacidade de projetar no campo alucinatório as imagens inconscientes.

Milagres, não. Mas as coincidências. Vivia de coincidências, vivia de linhas que incidiam e se cruzavam e, no cruzamento, formavam um leve e instantâneo ponto, tão leve e instantâneo que era mais feito de segredo. Mal falasse das coincidências, e já estaria falando em nada.

Mas possuía um milagre, sim. O milagre das folhas. Estava andando na rua e do vento lhe caíra exatamente nos cabelos: a incidência de linha de milhões de folhas transformada em uma que caía, e de milhões de pessoas a incidência de reduzi-lo a ela. Isso lhe acontecia tantas vezes que passou a se considerar modestamente a escolhida das folhas. Com gestos furtivos tirara a folha dos cabelos e guardara-a na bolsa, como o mais diminuto diamante. Até que um dia, abrindo a bolsa, encontrara entre os mil objetos que sempre carregava a folha seca, engelhada e morta. Jogara-a fora: não lhe interessava o fetiche morto como lembrança. E também porque sabia que novas folhas iriam coincidir com ela. Um dia uma folha que caíra batera-lhe nos cílios. Achou então Deus de uma grande delicadeza. (LISPECTOR, 1969, p. 123-124)

Diante do trecho que mostra a relação “amorosa-pedagógica” entre Lóri e Ulisses, podemos afirmar que há na menção às folhas e aos outros perfumes de flores um intento animador da vida, visto aqui na esteira do instinto de existir por nuances sensoriais. Pela aproximação/chamado das plantas, além disso, ressalta-se um dado particular nas narrativas de Clarice Lispector, sobretudo nas décadas de 1960 e 1970: a convocação da vida crua e natural, em detrimento do estilo e modo burocrático-burguês. Para melhor explicar a presente questão, em *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, por exemplo, fala-se em traição da classe burguesa por Lóri, na medida em que a mulher se aproxima do sensível, onde até mesmo Deus é natural. Sobre sentir-se livre, Lóri pergunta ao professor universitário: “você acha que eu ofendo a minha estrutura social com a minha enorme liberdade?” (LISPECTOR, 1969, p. 175). Considerando o fato de Lóri ter nascido numa classe conservadora, a burguesia brasileira, Ulisses responde: “– Claro que sim, felizmente. Porque você acaba de sair da prisão como ser livre, e isso ninguém perdoa” (LISPECTOR, 1969, p. 175). Imaginemos um período – o ano de 1969 – conservador do ponto de vista dos costumes, sobretudo quando se instalara no Brasil uma Ditadura Civil Militar (1964-1985), a qual foi aprofundada a partir de 13 de dezembro de

1968 com o AI-5, dispositivo que acelerou a censura e a repressão daqueles considerados subversivos, isto é, que não atendiam aos anseios do pensamento “autoritário-conservador-militar-burguês” da época.

Neste bojo, não é possível dissociar a crônica “O milagre das folhas”, veiculada no contexto jornalístico, das temáticas vegetais configuradas na égide do revolucionário direcionamento “político-insurgente” no projeto estético de Clarice. Nele, contrário ao pensamento moldado em “liberdades” burguesas, as quais são revestidas de desejos castradores, instaura-se uma autêntica liberdade, cuja articulação com o reino vegetal engendra traços de amor ao contágio com os outros – disseminações que se conectam com aspectos animadores e urgentes em perceber a particularidade de cada “registro vivo”, expressão usada por Hélène Cixous (2022) em *A Hora de Clarice Lispector*. Pensando uma Clarice “milagrosa” das coisas vivas, Cixous afirma:

Ela doa em abundância. E milagrosa, meticulosa, cada elemento de abundância, coletado, separado, absoluto, escolhido sem exclusão. E nos lembramos, então, que na orquídea, existem quinze mil espécies e cada uma tem sua particularidade, diferente e exata. Clarice tem a força-orquídea: em sua maneira de salvar os seres, há quinze mil espécies de amor. (CIXOUS, 2022, p. 45)

Para a filósofa franco-argelina (2022, p. 49), Clarice Lispector tem um “coração que escuta”, pois percebe os “outros vivendo”. Concordamos com a importante pensadora feminista e ressaltamos que a escritora de *A maçã no escuro* (1961) é contagiada pelas existências vicinais, sempre no plural, e com elas acaba projetando políticas do encontro que resiste à morte, interpretada aqui no sentido da incapacidade em expressar a alegria da vida. Poder-se-ia dizer que a ficção clariciana está sempre ao lado da pluralidade viva, não se deixando capturar facilmente pela violência destrutiva das mentalidades que desejam a aniquilação dos outros.

Reproduzimos aqui o recorte do jornal, separadamente, com o terceiro texto que aparece na coluna, o qual aborda o assunto vegetal. Ei-lo:

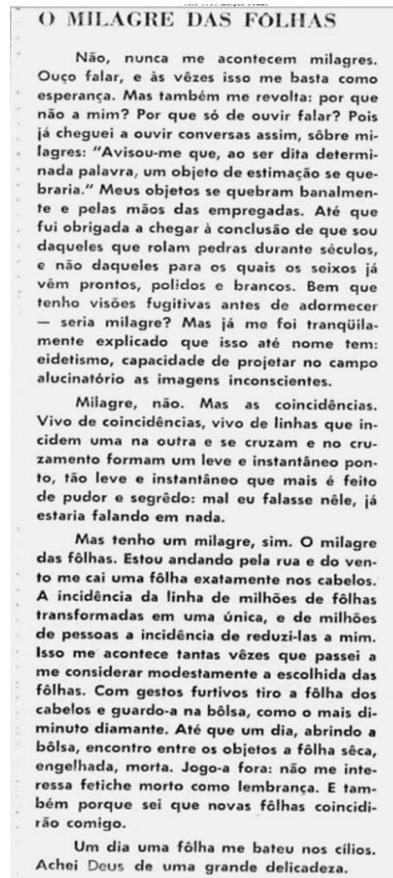


Figura 1. Recorte da coluna de Clarice Lispector no *Jornal do Brasil*, Caderno b, p. 2, nº 229.⁴

Em análise da crônica, vemos o valor dado à observação das folhas. O milagre de que fala a cronista, conforme o nosso entendimento, dá-se quando nos deixamos contaminar numa simples ocasião de folha caindo ao nosso rosto. Eis o milagre da vida acontecendo aos nossos olhos. No espaço e no momento, deseja-se que a “folha cheia de alegrias” (CIXOUS, 2022, p. 55) possa, quem sabe, salvar a existência das amarras do medo, do pavor, do caos, da violência, da autoridade repressiva, em suma, dos inumeráveis atravancamentos que nos retira a vontade de resistir junto ao emaranhamento do “registro vivo”. É neste viés que se passa a política de Clarice Lispector. Doada a um público maior, o leitor do “caderno b”, a escritora abriu “portas” e “janelas” na coluna jornalística daquele sábado do dia 04 de janeiro de 1969 para qualquer esperança diante de dias tão sombrios. Na coluna, ela resiste politicamente ao expor o sensível inumano.

⁴ Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=127511. Acesso em: 07 de junho de 2023.

Ainda em diálogo com Hélène Cixous, pensar algum movimento de resistência na escritura de Clarice Lispector significa analisar as plantas na égide do signo político, quando o tempo se coadunava em medo e censura. Vale lembrar que a autora esteve inserida em contextos diferentes de violência política institucionalizada, desde a Europa ao Brasil. Aqui, Lispector vivenciou o período da ditadura Vargas (1937-1945), o chamado Estado Novo – de influência nazifascista –, assim como a implantação da Ditadura Civil Militar (1964-1985), cuja base foi também prefigurada no autoritarismo e na centralização.

Em oposição à violência, defendemos que Lispector faz política com as plantas. Como sublinha Cixous, ao valorizar uma única rosa⁵, Clarice nos ensina que devemos permitir que a flor nos preencha, transbordando-nos de amor. Para a estudiosa, “na escola de Clarice”, somos convocados a ver alegria e vontade de existir na aproximação com a matéria viva vegetal, mesmo com os “campos de concentração”. No caso do *corpus* aqui estudado, faz-se mister pensarmos que Clarice propunha que o leitor da coluna pudesse deixar-se contagiar pelas folhas, ainda que sendo contemporâneos de um Estado de exceção, de um Ato Institucional nº5, de um regime de terror materializado por perseguições, ausência de liberdade e torturas. Destarte, com “O milagre das folhas” preenche-se o existir de ânimo necessário para continuar existindo – sem medo. Sobre este aspecto, Cixous argumenta:

Para redescobrir a alegria de amar uma folha, cujo nome não sabemos mais, uma folha frágil aberta como a palma de uma mão exposta à leitura do amor, para redescobrir o significado de uma folha, a fonte de uma alegria folhosa, para redescobrir como toda a paisagem de uma terra nativa é desenhada na palma nua de uma folha, para compreender mais uma vez que a folha contém nossos jardins, devemos primeiro ter tido a força, o pensamento, para ir e abrir a janela que dá sobre a verdade da folha. (CIXOUS, 2022, p. 52)

“A verdade da folha”, a nosso ver, é a “assinatura” da política sensível de Clarice. Ir ao encontro das folhas, é deixar-se descobrir e apreender o sensível que há nesses outros inumanos, os quais nos ensinam a ser apenas, ou seja, viver o momento presente, ainda que certos “anos de chumbo” queiram nos empurrar para a morte e mudez. Assim, mesmo diante da barbárie, é

⁵ Ver a crônica “Rosas silvestres”, de Lispector (*Jornal do Brasil*, Caderno b, n. 39). Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&hf=www.google.com&pagfis=115993. Acesso em: 11 de junho de 2023.

possível expressar ficcionalmente e poeticamente o instinto de ser vivo, desmantelando-se radicalmente, para isto, os sentimentos que limitam ou instauram o silêncio imposto por forças autoritárias. Sob esta óptica, a concepção que defendemos aqui está em desacordo com aquilo que seria uma leitura literal da famosa passagem de Theodor Adorno (1998, p. 26), quando o filósofo alemão afirma em “Crítica cultural e sociedade” que: “escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que hoje se tornou impossível escrever poemas”.

Neste prisma, podemos dizer que com Clarice a escritura nasce politicamente da consciência antifascista, engendrada, muitas vezes, no interior de cada um, principalmente quando há um afastamento do “instintivo sensorial” de si mesmo. Colocados ao lado da “dimensão positiva do pensamento”, conforme desenvolve Margareth Rago (2009, p. 254) no ensaio “Dizer sim à existência”, em que aborda sobre os postulados de Michel Foucault, preferimos dimensionar a nossa reflexão na vontade e potência de existir, cujas noções são antifascistas, não havendo, além disso, espaço para desistir, ao contrário, estimula-se a entrega aos afetos e contaminações dos outros. No que diz respeito ao modo de “dizer sim à existência”, Rago (2009, p. 253) esclarece que “há momentos na vida em que é importante decidir se continuamos ou desistimos, se ficamos ou partimos [...] contudo, se decidimos ficar, convém que a opção seja clara e verdadeira, para que se possa viver com alegria”. Dessa maneira, quando analisamos “O milagre das folhas” é imprescindível que a crônica seja interpretada à luz dos temas abordados por Clarice, principalmente no que se refere à intensidade sensorial promovida pela aproximação com os não humanos.

Trata-se da capacidade em perceber o “peso da sensibilidade sobre a existência humana”, questão formulada por Emanuele Coccia (2010, p. 9) em *A Vida Sensível*. Opera-se num resgate da “experiência sensível”, esquecida em muitos momentos pela filosofia, segundo argumenta Coccia, “enfeitiçada pelas faculdades superiores”. Em Clarice, de outro modo, os termos exageradamente racionais, ficcionalmente, são rompidos para dar lugar aos aspectos sensoriais e novos tipos de experiências e conhecimentos, lembrando-nos o pensamento “revolucionário” de Walter Benjamin (2019) em *Sobre o Programa da filosofia por vir*. Neste ínterim, acreditamos que as experiências não ligadas às categorias conceituais e regras configuradas na racionalidade e na lógica também geram conhecimento, possível quando não limitamos as experiências apenas na alcunha cartesiana.



Para melhor analisar o sensorial como artifício antifascista no conjunto da obra clariciana, recorreremos aos argumentos de Susan Buck-Morss (2012, p. 174) em “Estética e anestésica: uma consideração de *A obra de arte* de Walter Benjamin”. Ao discutir o viés político-filosófico do pensador alemão, no mencionado estudo a pesquisadora joga luz sobre a saída da “alienação do sensorio corporal” prefigurada como chave da recusa da existência limitada e fascista, onde o esforço da política orgânica e viva é construída na “força instintiva dos sentidos corporais humanos em prol da autopreservação da humanidade”. Resgata-se, assim, a força de todos os sentidos humanos que possam ir ao encontro e sentir os outros: paladar, olfato, visão, tato, audição. Com eles, é possível dismantelar a força bruta dos Estados autoritários-fascistas, devolvendo ao humano a vontade de estar ao ar livre, mas com a “capacidade de olhar”, apontado por Buck-Morss (2012, p. 187).

Em suma, “O milagre das folhas” está ao lado daqueles sabedores que a observação dos outros vivos corrobora em políticas encarnadas na intuição do próprio “sensorio humano” (BUCK-MORSS, 2012, p. 180), o qual é capaz de radicalizar e revolucionar mudanças na forma de encarar o mundo, desfazendo a unicidade e centralidade em prol da diferença e disseminação. Da questão sensorial, a passagem da crônica que evidencia o momento em que as folhas tocam o eu, funciona como um instante onde o cotidiano entra em processo de desautomatização e desalienação: “estou andando pela rua e do vento me cai uma folha exatamente nos cabelos [...] com gestos furtivos tiro a folha dos cabelos e guardo-a na bolsa, como o mais diminuto diamante” (LISPECTOR, 1969, p. 2).

Dito isto, é possível pensar um movimento de resistência política nos textos publicados no contexto jornalístico por Clarice Lispector – antes e depois do Ato Institucional n. 5. Por outro lado, é importante destacarmos a maneira de resistir na escritura clariciana. Neste ínterim, vemos dois tipos de resistência: um mais direto⁶ e objetivo, enquanto o outro tem caráter mais

⁶ Outro texto que pode ser analisado à luz da resistência crítica, social e direta é o caso de “A matança de seres humanos: os índios”, veiculado no nº 33 de 18 de maio de 1968 no *Jornal do Brasil*, Caderno b – meses antes da promulgação do Ato Institucional n. 5. Sabe-se que no período dos governos militares houve um enorme genocídio de indígenas no território brasileiro, sobretudo no tempo do Governo de Emílio Médici (1969-1974). Este, além de “sofisticar” a censura, estimulou, via propaganda, a ideia de um “Brasil Grande” – suas bases estavam vinculadas, além de outros fatores, em grandes obras, a exemplo da Transamazônica na década de 1970. Clarice Lispector (1969, p. 2), em ato de protesto e coragem, expõe o genocídio dos “seres humanos”: “Sabe-se que uma das preocupações constantes da Constituição Brasileira é a preservação do nosso índio; nela existe um preceito constitucional que garante ao índio a posse da terra por ele ocupada. Parece incrível que a este preceito constitucional, justamente, é que se deve a matança dos índios. A cobiça da terra ocupada por eles. [...] Há várias maneiras de se matar índios: desde a mais simples que é a bala de um trabuco, aos mais requintados métodos, como a interferência maciça na cultura do índio através de catequese religiosa que lhes proíbe a preservação de

abstrato, por vezes, cifrado. Sobre o primeiro, gostaríamos de utilizar como exemplo o texto “Carta ao Ministro da Educação”, divulgado pelo *Jornal do Brasil*, Caderno b, n. 271, em 17 de fevereiro de 1968, o qual reapareceu também no livro *A Descoberta do Mundo* (1984). Jaime Ginzburg (2007, p. 135) no breve estudo intitulado “A literatura contra o Estado em 1968: política e exclusão em Clarice Lispector”, lê na carta aspectos que combinam “elementos históricos e literários, individuais e coletivos”, podendo ser analisada na esteira da “literatura de testemunho”.

A discussão gira em torno da injustiça na mudança de acesso à universidade, em que excluiria muitos rapazes e moças. Ficando ao lado dos estudantes, Clarice transforma o “testemunho” em interesse coletivo, numa autêntica “ação pública de contestação” (GINZBURG, 2007, p. 137). Na análise da carta de protesto, o estudioso ressalta as passagens cujas ideias apresentam um “discurso argumentativo, com pretensões de objetividade e rigor lógico”, para abarcar depois traços de “alegoria”. Considerando que o texto veio a público ao momento anterior ao AI-5, vemos nele particularidades de resistência direta, onde o tema é desenvolvido com uma certa clareza em relação ao objetivo: apontar o “crime”⁷ cometido contra os estudantes pelo ministério da educação.

De outro lado, é preciso considerar os textos que se apresentam na perspectiva do dizer cifrado. Por ciframento na época da Ditadura no Brasil, entendemos a maneira de expressar assuntos pela via da não objetividade, principalmente quando a censura foi melhor orquestrada pelo aparato estatal. Concordamos com Regina Dalcastagnè (2020, p. 25) em “Literatura e resistência no Brasil hoje” ao sublinhar que na época dos “anos de chumbo” a literatura precisou cifrar “aquilo que não se podia dizer”. Na “esperança de que alguém ouviria”, e de que alguém pudesse ser salvo”, como enfatiza Dalcastagnè (2020, p. 25), tornou-se comum os artistas

sua cultura primitiva, o que fatalmente redundava em sacrifício do nativo. Ou se mata índio também arrebatando-lhes a terra, à qual estão teluricamente ligados.”

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&hf=www.google.com&pagfis=115657.

Acesso em: 10 de junho de 2023.

⁷ Cf. LISPECTOR, 1969, p. 2: “Estou falando em nome de tantos que, simbolicamente, é como se o senhor chegasse à janela de seu gabinete de trabalho e visse embaixo uma multidão de rapazes e moças esperando seu veredictum. [...] Senhor Ministro ou Presidente da República, impedir que jovens entrem em universidades é um crime. Perdoe a violência da palavra. Mas é a palavra certa. [...] E nem poderiam sair à rua para uma passeata de protesto porque sabem que a polícia poderia espancá-los. [...] Que estas páginas simbolizem uma passeata de protesto de rapazes e moças”.

Disponível em:

http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&hf=www.google.com&pagfis=111444.

Acesso em: 10 de junho de 2023.

assumirem o risco de dizer por meio de signos sobre o direito à vida e ao futuro. Diante do exposto, vemos em “O milagre das folhas” um intento sensorial revelado no reino vegetal, fazendo ressonância no projeto da autora de *A Paixão segundo G.H.* (1964), devendo ser lido, pois, numa intensidade político-radical.

Incluimos a crônica “O milagre das folhas”, sob este enfoque, naquilo que Evando Nascimento (2021, p. 143) chama de “pensamento vegetal”, em que é possível descobrir um certo “vitalismo”, contudo, sem “descair num biologismo”. Filiando-se aos instrumentais de Jacques Derrida, Nascimento lança o debate sobre a oportunidade de articular a “diferença vegetal”, cuja discussão coloca em questão a “vida” como “modo de alteridade, que demanda, por sua vez e lugar, o contato com outras formas de existir” (NASCIMENTO, 2021, p. 144). Há nessa disposição aos contatos o interesse daquilo que parece ser a mola propulsora do entrosamento com o reino das plantas, trabalhado ficcionalmente na dimensão política: a disseminação de si e dos outros. Revigora-se, nesses horizontes, os desejos que tentam formular um novo humanismo, segundo o qual há lugar para as inumeráveis “formas de vida vicinais” (NASCIMENTO, 2021, p. 321), possíveis quando se questiona a centralidade do humano⁸, problematizado por Nascimento a partir de uma “hiperpolítica” – coaduna-se nos direitos estendidos também aos inumanos. Para isto, ainda de acordo com Nascimento (2021, p. 321), é necessário elaborar o “questionamento do antropocentrismo e do zoocentrismo biológico e cultural”, indagação que permitiria “a liberação das plantas e dos demais viventes”, além de potencializar a “liberação em relação à tradição humanista de fatura colonizadora”.

Defendemos no presente artigo que os vegetais ficcionalizados por Clarice Lispector assumem no seu projeto artístico certas políticas de alteridade, aliás, dado que marca o campo artístico-intelectual dos anos de 1960 e 1970, aprofundado no caso da América Latina por ocasião do avanço das políticas fascistas-militaristas. Nesta perspectiva, o aparecimento de folhas e outros vegetais em textos da coluna de Lispector no conhecido “Caderno b” do *Jornal do Brasil*, muitas vezes, reutilizados pela escritora em suas narrativas, emerge de questões cruciais naquele contexto histórico.

⁸ Cf. MANCUSO, 2021, p.10-11: “Quando se é capaz de olhar para o mundo sem vê-lo simplesmente como o campo de ação do homem, não se pode deixar de notar a onipresença das plantas. Elas estão por toda parte e suas aventuras se entrelaçam às nossas de maneira inevitável. [...] Não ver essa planta, ou pior, ignorá-la, acreditando que já nos encontramos acima da natureza, é um dos perigos mais graves para a sobrevivência da nossa espécie.”



Contemporaneamente, devido às viradas⁹ vegetais na cultura, o pensamento crítico-teórico mais recente encontra-se interessado na representação das plantas em objetos culturais do passado. Na revisitação, redescobre-se traços de complexidade política, de resistência e insurgência social, a exemplo da ficção produzida no período da ditadura no Brasil. Dessa forma, incluímos a nossa reflexão neste debate, particularizado especificamente pela crônica clariciana no espaço jornalístico. Vale ressaltar que Clarice Lispector não é um nome isolado em relação ao enfoque dos vegetais para fins artístico-radical na cultura latino-americana. No Brasil, temos vários exemplos de mulheres que abordaram as plantas com o intuito político, principalmente entre os anos 60 e 70. É o caso de Wilma Martins nos desenhos e xilogravuras e Yolanda Freyre na performance e pintura, para citarmos apenas dois casos.

No conjunto da obra de Lispector, os vegetais estão disseminados nos seus romances e contos. Por outro lado, o sensorial-vegetal nas crônicas carrega uma brevidade, sendo comum na estrutura desse gênero¹⁰ ficcional, assim como compartilha da mesma coluna com outros textos, os quais não necessariamente estão dispostos numa continuação temática ou facilmente detectáveis, entretanto, podem ser lidos por um certo “tom cifrado”, acumulando-se em assuntos de sugestão política. Na edição do dia 04 de janeiro de 1969, por exemplo, “O milagre das folhas” dividiu a coluna com um outro texto arrolado numa espécie de seleção e recorte crítico de *The Silent Life*, de Thomas Merton. O mencionado texto não trata de folhas ou outras partes botânicas de plantas, mas fala da “idolatria” particularizada num viés de “infantilidade” humana, da liberdade como traço da “maturidade” e outras questões. Reproduzimos aqui o recorte do jornal, haja vista que “A vida silenciosa” não apareceu em *A Descoberta do Mundo*.

⁹ Da chamada “virada vegetal”, destacamos os nomes de Stefano Mancuso e Emanuele Coccia. Da percepção do mundo pela óptica das plantas, chave da “virada”, é necessário atentar o olhar para os inumanos, os quais são abundantes no planeta, mas nem sempre percebidos devido ao excesso antropocêntrico em vigor. Nas análises de objetos culturais com assuntos vegetais, atualmente, é importante mencionarmos a crítica de Evando Nascimento. No caso das interpretações da ficção de Clarice Lispector, Hélène Cixous é uma intérprete fundamental no que tange à leitura das plantas em Lispector, além do próprio Nascimento.

¹⁰ É preciso atentar-se, no entanto, para a questão da abertura do gênero literário em Clarice Lispector. Como exemplo, temos o romance *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres* (1969), cuja feitura recebeu crônicas publicadas no *Jornal do Brasil* em seu enredo. *Água viva* (1973) é outro exemplo, escritura que apresenta uma complexidade em matéria de classificação de gênero.

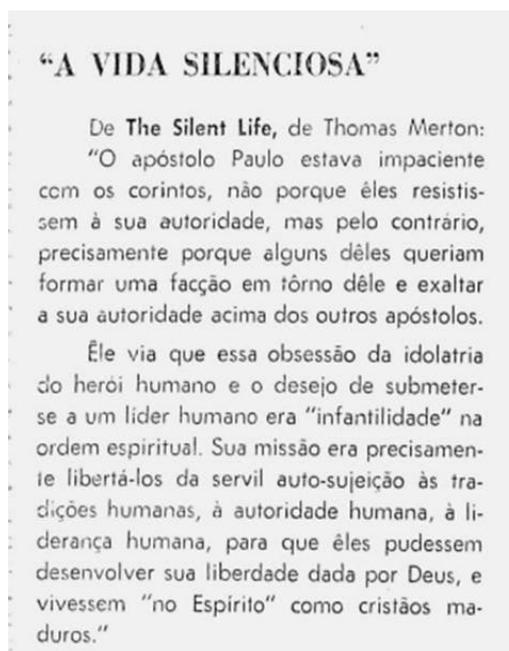


Figura 2. Recorte da coluna de Clarice Lispector no *Jornal do Brasil*, caderno b, p. 2, nº 229¹¹

Lendo-o separadamente, imagina-se que “A vida silenciosa” apresente conotações desligadas de qualquer viés político, no entanto, a abordagem em torno da liberdade, da idolatria cega, numa espécie de “recortes” textuais, quando juntada ao assunto das folhas, visto como intensidade sensorial captada num certo instante, vê-se que tudo se evidencia numa maior amplitude, de acordo com o projeto estético da escritora. Sobre a perspectiva do “herói”, é importante mencionar que no romance *A maçã no escuro* (1961) Clarice problematizou no enredo a imagem de Martim pela óptica da “desmontagem” heroica da personagem. Na segunda parte da narrativa, lemos: “nascimento do herói”. A figura heroica representada pelo fugitivo Martim passa por um processo de “deseroização”, na medida em que se aproxima da vida selvagem – animais, plantas e minerais. Há nele, ao longo de sua caminhada, o nascimento de outro tipo de humano, o qual é capaz de provisoriamente contagiar-se no reino das plantas, perdendo a centralidade e unicidade do tipo de herói moldado pela tradição cultural-ocidental. Martim, como Lóri de *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, torna-se observador de todo “registro natural”, numa autêntica e significativa descoberta de mundos. Em uma determinada passagem do romance, o homem outrora entregue à burocracia, passa a perceber os outros: “Na beleza do silêncio, a árvore. Foi assim que o homem profundamente viu. Olhou

¹¹ Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=030015_08&pagfis=127511. Acesso em: 07 de junho de 2023.

face a face a minúcia com que a beleza da árvore era inútil. Trezentas mil folhas tremiam na árvore tranquila” (LISPECTOR, 1961, p. 51-52).

No fragmento anterior, vemos novamente a presença das folhas na ficção de Clarice Lispector – sem nenhum sentido utilitarista e burocrático. Do “registro” vegetal na narrativa de 1961, as plantas prefiguram na trajetória de Martim certos experimentalismos dos outros, nunca para marcar uma certa estagnação, antes, provisoriamente, engendram-se radicalizações na maneira de aproximar-se aos mundos de outros viventes, como no momento em que Martim parece imitar o modo de ser da “planta” que “grudava uma boca no chão” (LISPECTOR, 1961, p. 91):

As raízes eram grossas e cheirosas naquele fim de tarde – e provocaram em Martim uma inexplicável fúria de corpo como um amor indistinto [...] A terra, numa promessa de doçura e submissão, parecia friável [...] Sua cabeça se tonteou ao contato delicioso da umidade, ele se apressou de boca aberta. (LISPECTOR, 1961, p. 62)

A escalada sensorial no itinerário de Martim provoca-lhe atos incomuns e radicais. Na verdade, a ficção de Clarice Lispector estabelece nessa linha a sua força potencial antiutilitarista e antifascista. Em grau, os sentidos são despertados pelos chamados inumanos, requerendo-se paradas reflexivas, mas sem excesso “filosófico-conceitual”¹². Para Buck-Morss (2012, p. 175-176), a “percepção pela sensação” – questão ligada ao sentido etimológico da palavra “estética” no seu “campo original” – é constatada na ênfase aos “terminais de todos esses sentidos – nariz, olhos, ouvidos, boca e algumas das áreas mais sensíveis da pele”. Portanto, conforme a análise que fazemos de “O milagre das folhas”, convocar os sentidos no contexto jornalístico, em plena promulgação do AI-5, significa despertar um espírito insurgente pelo sensível, haja vista que “os sentidos conservam um traço incivilizado” [...] um núcleo de resistência à domesticação cultural” (BUCK-MORSS, 2012, p. 176). Da crônica escolhida para este estudo, a descoberta do mundo sensorial está ligado ao aceite em perceber a delicadeza sensório-natural quando o “registro vivo” toca e estimula algum “terminal” dos nossos sentidos. Ao estimular os sentidos,

¹² Preferimos a noção de “pensamento das emoções”, desenvolvida por Didi-Huberman (2021, p. 14) a respeito das crônicas de Clarice Lispector no livro *A vertical das emoções: as crônicas de Clarice Lispector*. Ligada ao movimento das emoções, segundo o pensador, o trabalho ficcional da autora envereda-se por uma “vertical infinita”, que sendo um “processo orgânico”, é capaz de retirar as ideais da “planura” e da “monotonia”.

mundos de alteridades se abrem, convidando-nos a sair do espaço da unicidade, da antidelicadeza, do heroísmo desmedido por “liberdades” infantis.

Por fim, a crônica “O milagre das folhas” deve ser compreendida na esteira do projeto artístico de Clarice Lispector. Nele, os vegetais fazem parte de um vasto campo sensorial, sendo possível fugir de domesticações impostas por uma cultura ocidental baseada na sempre “colonização” degradada do outro – onde não há nenhuma troca positiva por alteridade. Sensorialmente, a forte presença das plantas no conjunto ficcional de Clarice comunga do sentido de “amor” à vida, como lembra a epígrafe do presente artigo. Neste amor, cabe um mundo vivo inteiro. Com ele, afastamo-nos da força bruta e intransigente de autoritarismos desapegados das vidas. Em suma, queremos dizer que a observação de uma única folha que cai, para Clarice, revela-se um ato político num período nefasto e sombrio. Finalizando com as palavras de Hélène Cixous (2022, p. 132), é “um tratado sobre alegria: basta viver, aí está o milagre”.

REFERÊNCIAS:

- ADORNO, Theodor W. Crítica cultural e sociedade. In: *Prismas: crítica cultural e sociedade*. Trad. Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Ática, 1998, p. 7-26.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre o programa de filosofia por vir*. Trad. Helano Ribeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2019.
- BUCK-MORSS, Susan. Estética e anestética: uma reconsideração de *A obra de arte* de Walter Benjamin. Trad. Vera Ribeiro. In: CAPISTRANO, Tadeu (Org.). *Benjamin e a obra de arte: técnica, imagem, percepção*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012, p. 173-222.
- COCCIA, Emanuele. *A Vida Sensível*. Trad. Diego Cervelin. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2010.
- CIXOUS, Hélène. *A Hora de Clarice Lispector*. Trad. Márcia Bechara. São Paulo: Editora Nós, 2022.
- DALCASTAGNÈ, Regina. Literatura e resistência no Brasil. In: OLIVEIRA, Rejane Pivetta de; THOMAZ, Paulo C. (Org.). *Literatura e Ditadura*. Porto Alegre: Zouk, 2020, p. 17-30.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *A Vertical das emoções: as crônicas de Clarice Lispector*. Trad. Eduardo Jorge de Oliveira. Belo Horizonte: Relicário, 2021.

GINZBURG, Jaime. A literatura contra o Estado em 1968: política e exclusão em Clarice Lispector. *Via Atlântica*, São Paulo, v. 1, n. 12, p. 133-139, dez., 2007.

LISPECTOR, Clarice. *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1969.

_____. O milagre das folhas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 229, p. 2, 04 jan., 1969.

_____. A matança de seres humanos: os índios. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 33, p. 2, 18 mai., 1968.

_____. Carta ao Ministro da Educação. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, n. 271, p. 2, 17 fev., 1968.

_____. *A maçã no escuro*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1961.

MANCUSO, Stefano. *A Planta do Mundo*. Trad. Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

NASCIMENTO, Evando. *O Pensamento vegetal: a literatura e as plantas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.

RAGO, Margareth. Dizer sim à existência. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Org.). *Para uma vida não-fascista*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 253-267.